

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 2 DE JULHO, 1883.

N. 8.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 2 de Julho de 1883.



O nosso Anniversario

O sol que doura os pinheiros alterosos da serra mais elevada, também leva calor e vida, fecundidade e seiva á raiz do arbusto mais pequenino e rasteiro. Assim são — a sciencia, as artes e a litteratura. A sciencia, desconhecendo hierarchias, escolhe um d'entre essa mole de homens que compõem as nações e o universo, e fal-o sabio. As artes, no mais recondito d'uma officina ou no fundo d'uma mina, vão encontrar nas mãos do obreiro creador, os seus mysterios desvendados, e o engenho dos homens, á luz do progresso, levanta-se da materia á feição das necessidades modernas, soberbo e grandioso, a golpes do formão e do escôpro, ou ao som do martello na bigorna. E a litteratura, n'um raio luminoso, se, illuminando o escolhido da fortuna, faz percutir no seu cerebro as vibrações d'uma lyra inspirada, desce também á classe proletaria levando á frente de um de seus filhos os germens das concepções e as fulgurações do genio.

O sabio, quando pensa, a sua palavra, que é o seu pensamento, é lei e conselho á humanidade. O artista que inventa e executa vencendo obstaculos, proporcionando á vida dos homens em familia, commodidades precisas, ligando os mares e aproximando as nações, faz a permuta dos productos de seus solos. E o poeta, quando canta, é para todos, e todos se extasiam e o applaudem. Assim o sabio, o artista e o poeta não têm patria; o seu berço é o mundo e o universo é a sua patria.

Por isso, sob estes principios, é que ousamos sonhar.

O Centro Litterario foi o nosso sonho, e faz hoje um anno que esse sonho, como um véo librado por mão desconhecida, rasgou-se e desapareceu, descobrindo

ao sol das nossas esperanças, um templo, cujos obreiros foram: união, força de vontade e ancia de saber !

O Centro Litterario, pois, não pertence ao numero das concepções ephemerias; ha um anno que inocula no espirito de seus associados—um bando de jovens que se arrojam temerarios á banhar-se no esplendor das letras — que a razão vence o impossivel e que o obscurantismo se dissipa aos embates da luz soberana !

Faz hoje um anno que a realidade desvaneceu a duvida que pairava no nosso espirito : ser ou não ser ! O nada foi uma utopia, vivemos ! Vivemos buscando a vida em nossas proprias forças !

Luctamos para viver, e é bem verdade que viveremos para luctar e que, entre a lucta e a vida, ha a queda vergonhosa. Cahir seria o ridiculo e a vergonha; e desgraçado d'aquelle que se deixa empolgar, submettendo-se ao jugo da fraqueza, sem tentar um esforço para salvar a dignidade da acção na conservação e e progresso da obra, cujo resultado começa á fruir. Aquelle que lucta com honra e gloria, merece e é digno dos applausos da admiração social. E, se, algumas vezes, o desanimo traiçoeiro e atrophiador tentou apoderar-se do nosso espirito, conseguimos reagir, luctar e vencer, se bem que, sobre nós, pairasse, por vezes, a censura fria e dura de alguma duvida mal comprehendida e mal baseada. Se, no decorrer do nosso anno de vida, não podemos apresentar talentos grandiosos e prestigios na litteratura, é porque julgavamos e estavamos crentes de que as pessoas que nos lêssem acorçoar-nos-iam, como acorçoam, a proseguir no empenho de attingirmos á meta que desejamos.

O fructo de um trabalho afanoso é tanto mais digno de applauso, quanto mais esclarecida é a razão que o vê e analisa, á luz do sentimento imparcial, recto e justiceiro.

Prasa ao céu que a união, que até agora nos fez fortes, se conserve pura e intacta contra os golpes da descrença e da discordia, vaidosa e pueril.

Maldicto aquelle que deixar por um momento sequer, de fitar, sereno e puro, o pharol da nossa aspiração—O Centro Litterario ! Vergonha eterna áquelle que, caprichoso ou covarde, desertar traidor desta bandeira que voluntaria e entusiasticamente juramos deffender.

DUARTE PORTO JUNIOR.

O AR

SUMMARY.— Oxygenio.— Sua redução ao estado liquido.— Idem do azoto e do ar.— Azoto

Tendo já mostrado os dous principaes corpos de que se compõe o ar, irei estudar cada um destes corpos de per si e, em seguida, os outros que, com quanto não façam volume consideravel no ar, o modificam.

Começarei pelo *oxygenio*, visto que, não só é um dos elementos constitutivos do ar, como tambem o é da agua e em uma quantidade grande; assem, cada nove grammas d'agua contém oito grammas de *oxygenio* e apenas um de outro elemento que se chama *hydrogenio*.

O estado que occupa o *oxygenio*, na materia, é o terceiro, sendo portanto um corpo gazoso que por muitos seculos foi considerado *permanente*, isto é, como impossivel de reduzir aos dous outros estados; foi no anno de 1878 que o *oxygenio*, bem como os outros quatro gazes que ainda se julgavam permanentes, foram reduzidos ao estado liquido, como até ao solido.

Deve-se esta descoberta aos dous sabios: Cailletet, em Pariz, e Pictel, em Genova.

Eis, de um modo resumido, o processo que seguiu Cailletet: Depois de haver submettido o gaz sobre que queria operar, á uma temperatura de 30 grãos abaixo de zero, submetteu á uma pressão de 300 atmosferas (1)

N'estas condições, porém, nada se havia reproduzido; mas quando se deixou escapar o gaz, tão fortemente comprimido, elle escoou-se debaixo da fórma liquida, e sua temperatura chegou a 23 grãos abaixo de zero.

Na producção de baixar temperaturas Pictel empregou o processo que se segue: Lique fez o gaz *acido carbonico*, utilizando-se para isto do frio em uma temperatura de 65 grãos abaixo de zero, a qual era por sua vez formada pela volatização do *acido sulphurico* liquido.

O *acido carbonico*, solidificando-se em seguida, produzia ainda uma quédia de temperatura ao redor do tubo, em que estava o gaz sobre o qual se operava. (2)

O ar, sendo submettido por Cailletet a uma temperatura a baixa e auma forte pressão, correu em pequenos filetes ao longo das paredes do tubo de experiencia; e obteve-se o ar liquido, sendo augmentada a pressão, viu-se formar uma massa semelhante ao gelo — era o ar solido ou gelado.

O *oxygenio* é um gaz]incolor, inodoro, e não possui sabor, sendo tambem de uma leveza extraordinaria, pois um litro tem apenas um gramma e 429 milli-

grammas. E' pouco soluvel n'agua, sendo necessario para o dissolver 40 centimetros cubicos de *oxygenio* e um litro d'agua.

Se em um frasco, onde anteriormente se houver introduzido *oxygenio*, puzermos um qualquer corpo inflammado, o brilho deste corpo augmentará consideravelmente, sem comtudo o gaz, que contém o frasco, se inflammar — o que mostra que, sendo o *oxygenio* um corpo incombustivel, augmenta no emtanto a combustão.

Se esquentar-se o oxido de *mercurio* ou o *chlorato de potassa*, o *oxygenio* que se acha ligado a estes dous corpos se desprenderá; e é este o processo mais communmente adoptado na formação do *oxygenio*. Existem processos para tirar este gaz do ar, que são devidos á Boussingault, Deville, Debay, Teyssié du Montay e Marechal.

O *azoto*, como o *oxygenio*, foi descoberto por Priestley, e conservou por muito tempo o seu primitivo nome de ar phlogistico: é um gaz incolor, inodoro e sem sabor, e o seu peso é em extremo diminuto, pois um litro deste gaz pesa unicamente um gramma e 256 milligrammas.

O processo, mais commum para se obter o *azoto*, é queimar-se em um frasco, contendo ar e agua, um pedaço de *phosphoro*: o *oxygenio* do ar, combinado com o *phosphoro* fórma *acido phosphorico*, o qual, sendo dissolvido pela agua, deixa em liberdade, na parte superior do frasco, o *azoto*.

O *azoto* não entretendo a vida nos seres organizados, parece á primeira vista ser um dos mais fortes venenos; no emtanto não o é, pois o ar atmosferico o não é, e contém quatro quintos deste gaz e unicamente um quinto de *oxygenio*.

J. C.

EMBORA!

Levantem-se embora os velhos esqueletos da theocracia e do absolutismo.

Resurjam embora do pó dos velhos archivos da historia, as sotainas egoistas no saber proprio e adeptas do obscurantismo universal.

Promovam embora os pseudo-estadistas d'este seculo, o renascimento do systema politico dos seculos anteriores.

Consintam embora os diplomatas que as nações do mundo civilisado continuem a empenhar-se em luctas fraticidas, inhumanas, barbaras.

Ousem embora os representantes do ultramontanismo derruir o edificio da civilisação moderna como anti-religiosa e realista.

Reunam-se embora todos os elementos retrogrados para empecer o rodar da locomotiva do progresso, que esta impellida pela luz que rescende das academias scientificas, das sociedades litterarias e da imprensa, reduzil-os-ha á miseravel condição do nada, e proseguindo com maior velocidade continuará a justificar a legenda de Eugenio Pelletan: — « O mundo marcha ».

(1) O peso de uma atmosphera é de 1,033 grammas e seis decigrammas, por centimetro quadrado; o peso de 300 atmosferas será, pois, de 300 multiplicado por 1,033 gr. 6, o que é igual á 310,080 gr., ou 310 kilogrammas e 80 gr.

(2) E' por meio da applicação d'estes principios que se fabrica o gelo na fabrica da « Empresa Brasileira » situada na rua de Santa Luzia

Emquanto houver moços como os do « Centro Litterario » ; cheios de boa vontade e possuidos de sincero entusiasmo, as palavras de Pelletan não serão contestadas ; porque o mundo marchará impellido pelo estímulo que necessariamente ha de resultar dos actos de acrisolado civismo, dos esforços épicos e dos immensos sacrificios que esta pleiade de moços tem feito em prol de uma grande e noblissima ideia — regenerar as sociedades, elevando a moralidade do homem pelo cultivo das faculdades intellectuaes.

Rio de Janeiro, 2 de Julho de 1883.

ANTONIO DE SÁ.

AO CENTRO LITTERARIO

I

Eis aqui hoje cantando
mais um debil trovador,
concertando a voz rouquenha
n'ardencia de seu amor.
E' um tributo sagrado
que vou pagar de bom grado
a quem me deu inspiração.
Seria atroz covardia
compensar com vilania
das letras a amiga mão.

II

Se não vibrar bem a lyra
n'esses santos devaneios
é porque a Musa ingrata
negou-me seus niveos seios.
Foi-se aquelle riso ledó...
Ai ! deixou-me tão cedo
ó phantastica Deidade !
Mas que importa ? Ora adeus !
O fructo dos versos meus
é sómente uma verdade.

III

Já vistes o monte, a serra,
a rocha, as fragas duras
abrirem de meio a meio
fendas, profundas roturas ?
Surgir do antro do chão
a lingua de um volcão ? !
—Pois assim a Claridade
rebentou como a cratera
dos annos da mocidade.

IV

Vêde como fulge austéra,
manando raios de luz !
essa scintillante Estrella
que ao dever nos conduz !
E' o fructo rutilante
de um esforço gigante,
de uma diva aspiração,
de um povo quasi captivo.
Eil-o se erguendo altivo
no direito da Razão !

V

Quando no campo trabalha
O homem rude d'aldêa,
esvoaça-lhe na mente
uma lucida ideia :

poisa no chão a enxada
e limpa a testa suada ;
medita no que sentiu.
Pensa... não se explica,
gemendo á luz supplica
mas em vão ; não se instruiu !

VI

De que serve a existencia
esteril, nunca florida ? !
E' qual planta sem seiva,
ou qual rosa resequida.
E' haste frondosa, alva,
peito nobre, e alma viva
o homem que trabalhou.
E' alvo de saudações
de gerações em gerações
quem uteis livros deixou.

VII

D'esta ardente inspiração
a agilidade é tamanha
que por mais que a Musa corra
corre em vão ; jámais apanha.
Mas que importa ? O Destino
hoje te harmonisa um hymno
ao primeiro anniversario.
— Que valem os versos meus
se lá no céu o alto Deus
já diz : — Centro Litterario ? !

Rio, 2 de Julho de 1883.

ELEUTHERIO AUGUSTO D'AGUIAR.

Apontamentos

Com as desenchabidas notas que vou copiar da minha carteira de lembranças, não pretendo fazer a historia do « Centro Litterario ; » mas, simplesmente, assignalar alguns factos e episodios, cuja importancia está sómente em lançarem alguma luz sobre o passado.

Quando, em 1882, o nosso estimavel amigo João Joaquim Mendes, suggerio a idéa da criação de uma sociedade litteraria que tivesse uma bibliotheca, composta exclusivamente de livros de escriptores brasileiros e portuguezes, que publicasse uma « Revista » mensal, collaborada pelos associados, uma associação modesta que fosse um ponto de reunião instructiva, onde se tratasse de despertar o gosto pela litteratura vernacula, infelizmente posta de lado para dar lugar ás aleijadas traducções que por ahi andam a corromper tudo, — essa idéa foi aceita com geral entusiasmo pelos que se achavam presentes, os quaes eram os Srs. Alvaro Baptista, Avelino Lisboa, Lucrecio de Oliveira e o obscuro auctor destas linhas.

Este grupo, tendo sempre á frente o sobredito Sr. João Mendes, tratou immediatamente de desenvolver tão aproveitavel idéa, apresentando-a ao criterio de pessoas que sabia terem dedicação por este genero de associações.

Uma d'estas pessoas, o respeitavel e illustrado Sr. Antonio Martins Duarte Porto, adherio promptamente á idéa luminosa e tornou-se um dos seus maiores sustentáculos, já ampliando o programma com a celebração de sessões litterarias quinzenaes, já offerecendo, devidamente auctorizado pela benemerita Sociedade dos Marceneiros, Carpinteiros e Artes Co-relativas, uma sala onde nós pudéssemos trabalhar com a regularidade estrictamente necessaria.

(Abro aqui um parenthesis para dizer que, sendo proposto para a sociedade o seguinte titulo: — Gabinete de Leitura Luso-Brazileiro, — foi tal titulo victoriosamente combatido e até ridicularizado, pois que, disseram, lembrava uma taboleta de charutaria ou de casa de pasto.

Sendo apresentado tão humoristico argumento, foi, sem demora, riscado o dito titulo e substituido por este outro, sem duvida mais moderno: « Centro Litterario. »

Convidados muitos moços para assistirem á sessão de installação do « Centro Litterario, » realizou-se esta no dia 2 de Julho de 1882, na qual sessão foram aclamados os nomes que se apresentaram para organizar a directoria provisoria.

Durante essa sessão esteve aberto um livro para n'elle assignarem os que quizessem ser socios installadores; e como isto de assignar o nome é a cousa que menos custa, inscreveram-se uns quarenta, dos quaes metade persistiu, figurando o *resto* na extensa e vergonhosa lista dos socios.... *desertores*, bem contra a vontade do Sr. thesoureiro.

Depois de se tomar diversas medidas de interesse social, encerrou-se a sessão no meio dos mais acalorados protestos de sympathia.

D'ahi por diante começou a lida e a lucta.

A lida, porque precisava-se de arranjar socios e livros para enriquecer e fortificar a associação.

A lucta, porque antes de obter-se uma e outra cousa, era necessario vencer as obstinadas hesitações dos que, vivendo nas trévas, nunca pensaram em preparar-se para viverem na luz.

Mas, afinal, vencia-se.

E na primeira sessão litteraria, o expediente mostrou os esforços d'aquelles que luctaram.

N'esta primeira sessão litteraria, era um espectáculo interessante ver-se alguns dos socios lerem as suas primeiras producções litterarias com o receio de que são accommettidos todos os que sentem a celebre « commoção de uma estréa. »

Porém, como aquellas sessões eram, segundo disse um talentoso consocio, « uma escola de ensino reciproco, » foi, pouco a pouco, desaparecendo o medo e agora pôde-se dizer que quem vai ás sessões ler ou discutir qualquer cousa, fal-o como se estivesse em familia, sem o menor vislumbre de acanhamento.

Vem a proposito mencionar uma circumstancia que é commum no « Centro Litterario, » e que me causa o mais vivo prazer: vem a ser que o individuo que quizer impingir uma falsa sabedoria, usando de verdadeiro pedantismo, soffre logo tremenda derrota, que se manifesta pela mais decidida indifferença.

Cumprir dizer que este systema de derrotar é o mais efficaz, e tem dado magnificos resultados.

Continuou-se a trabalhar com dobrado ardor, visto que os esforços anteriores haviam tido bom exito.

Celebravam-se as sessões litterarias que eram, em relação ao numero de socios, bastante concorridas.

Tambem crescia o numero dos que abrilhantavam as sessões com a leitura dos seus trabalhos litterarios ou com a manifestação dos seus dotes oratorios.

Não era uma legião de genios que surgia do pó; mas eram uns moços de talento que ficariam em completa obscuridade, senão encontrassem aquelle *meio*, onde se desenvolvessem.

Um dia, em Outubro de 1882, um grupo de socios, que tem sido e continuará a ser o elemento vital do « Centro Litterario », reunido, como de costume, em um lugar a que alguém denominou, intencionalmente, « Forja », *houve por bem* resolver que fosse publicada a « Revista », onde se inserissem os trabalhos litterarios dos socios.

Tornar real tão proficua ideia, era corresponder á geral aspiração dos associados, e era tambem elevar a nossa associação a um lugar proeminente entre as outras sociedades congeneres, que começaram a nascer depois da fundação do « Centro Litterario ».

Havia, porém, a vencer-se um obstaculo serio: a insufficiencia da caixa da associação, para occorrer á despesa precisa.

Mas, felizmente, com o auxilio do referido grupo e de mais alguns socios, venceram-se as primeiras difficuldades e a « Revista do Centro Litterario » distribuiu-se no dia 15 de Novembro de 1882, quatro mezes depois de installar-se a sociedade que lhe deu o titulo!

A imprensa, em geral elogiou o esforço herculeo, e incitou-nos a caminhar.

Um dos mais conceituados diarios da Côrte, (1) levou a sua amabilidade ao ponto de propôr « aos estudiosos socios do Centro Litterario », uma these importante, que tem sido bastante discutida.

Outras muitas provas de sympathia foram-nos manifestadas com verdadeira sinceridade, entre as quaes, convém não esquecer as que nos deram a Exma. Sra. D. Julieta de Mello Monteiro, distincta poetisa rio grandense, a Exma. Sra. D. Henriqueta Elisa da Fonseca, intelligente escriptora portugueza, e o illustrado redactor do « Espirito Santense » o Sr. Bazilio Daemon.

Todas estas distincções, ás quaes se correspondeu, como era de justiça, constituem subido premio aos que determinaram que se dêsse um passo arrojado no caminho real do progresso, tal foi, certamente, a publicação da « Revista do Centro Litterario ».

Apezar, porém, de ter mostrado tanta actividade, o grupo a que me referi, não cançou um só momento; e, pois, como consequencia natural, o Centro Litterario marchou sempre, e tem marchado até aqui, sem jámais retroceder, embora umas mesquinhas nuvens fuscas, tentassem enfarruscar o seu claro horisonte.

Aqui findam os incompletos apontamentos que escrevi; porém eu não concluirei sem dizer algumas palavras sobre uma importantissima questão: a necessaria autonomia do « Centro Litterario ».

E' facto que se a nossa associação tivesse cumprido inteiramente o seu programma e estacionasse no gráo de prosperidade a que attingiu; se se limitasse a fazer o que até hoje tem feito, isto é, celebrar sessões litterarias e publicar mensalmente o seu orgão, poderia continuar a viver da longanimidade de extranhos, até á consummação das eras, se isso lhe approuvesse.

Mas, proceder assim, seria errar e parar no caminho, desprezando as vozes amigas que nos animaram, animam e animarão a proseguir sempre.

Continuar a viver á custa da generosidade, nunca, felizmente, desmentida e assaz paciente, de uma bem-feitora associação, seria uma pratica muito commoda e abusiva, se a nossa associação não estivesse moralmente obrigada a realisar o seu intuito primordial, para o qual devem convergir, de ora avante, os esforços da directoria, pois esse intuito foi a base principal da ideia da creação do « Centro Litterario ».

Refiro-me á propaganda em favor da litteratura vernacula, que se prometeu fazer, franqueando á avidez litteraria dos associados, a bibliotheca do « Centro », a qual compõe-se, unicamente, de livros de escriptores brasileiros e portuguezes.

Mas, de que modo se havia de cumprir esta parte importante do programma e corresponder ás justas reclamações dos socios, se a nossa associação não podia dispôr, como era necessario, de um lugar, no qual pudesse trabalhar desembaraçadamente?

Felizmente, um grupo de associados, sob a muito

(1) Vide o n. 28 da *Folha Nova*.

competente responsabilidade de um dignissimo consocio, respondeu cabalmente á desanimadora interrogação, offerecendo ao Centro Litterario, uma casa em que elle poderá estabelecer a sua secretaria, inaugurar a bibliotheca e promover mais outros progressos, sem estar sujeito a estorvos que lhe tolham os movimentos e opprimiam-lhe os designios.

Tão generosa offerta, como expontanea e valiosa dadiua, já foi aceita pela directoria do Centro Litterario.

E nem era de esperar resolução contraria, pois que os directores, devem conhecer bem as necessidades da associação; porém, mesmo que não as conhecessem, podiam approvar, confiados na palavra do seu illustre presidente, que disse do offerecimento, ser elle a «pomba branca que entrava com o ramo de oliveira.»

Conformo-me inteiramente com a phrase do Sr. presidente, porque ella foi pronunciada para dizer que tal offerta significava paz, e, portanto, progresso.

E é em nome do progresso do Centro Litterario, que a directoria deve completar logicamente o seu acertado procedimento com relação á tão excellente offrenda, pondo de lado qualquer pueril receio de fraqueza; porque, já o disse o erudito Heitor Pinto: «Não ha corpo fraco onde o coração é forte.»

J. REIS.

ARARY

Na argentea superficie de azul lagoa mansa,
os combros verdejantes da margem retratando;
tu vaes, qual cysne altivo, impavido vogando,
em busca do ideal, nas auras da bonança.

Sim! Tu podes elevar a fronte de creança
aonde a luz do genio se esbate fulgurando;
e na amplidão etherea a mente mergulhando
sorrir sincero e meigo em florida bonança.

Aquelle que adornou tua alma sonora,
das doces harmonias do candido lyrismo,
dos lucidos clarões de auroras iriadas;

tambem te engrinaldou a musa languorosa
das flores mais gentis do bello idealismo,
das vibrações divinas das lyras inspiradas.

Rio—Julho—83.

NEMO.

2 de Julho de 1883

Não me é possível ficar silencioso no dia de hoje, pois que a emoção do mais vivo contentamento me domina.

Este dia relembra o apparecimento de uma associação, que, impellida pela força do prestigio de alguns de seus dedicados membros, tocará, sem duvida, á méta do sublime.

Centro Litterario—é este o seu nome; é este o nome dessa associação, que, apresentando-se ha um anno na arena da litteratura, para fazer tombar o erro, expirar o vicio aos fulgores da instrucção e levantar do esquecimento e da obscuridade a litteratura vernacula, prestará não pequeno serviço, ás letras da nossa patria—Brasil-Portugal.

Felicito-te, ó Centro Litterario! Felicito-te, embora em linguagem pallida e em desproporção com o sentimento que, como disse, me domina.

2—7—83.

LUCRECIO DE OLIVEIRA.

Marquez de Pombal

(Continuação)

O Sr. Ramalho Ortigão procurou n'um manuscrito do seculo passado umas necdotas ridiculas e servindo-se d'ellas, apresentou-nos um Marquez de Pombal muito digno, sem duvida, do criticismo convencional de S. Ex., mas que em nada se parece com o Marquez de Pombal, que foi ministro de D. José I, desde 1750 até á morte d'este monarcha, em 1777.

O Marquez de Pombal do Sr. Ramalho Ortigão não se parece com o Pombal da historia portugueza, porque aquelle legislava no theatro do Bairro Alto, sobre os negocios de Cupido, enquanto que este decretava: — a emancipação dos indios do Brazil, a liberdade dos escravos em Portugal, a creação de escolas para o povo, a reforma da universidade de Coimbra, a abolição da sociedade de Jesus, a cessação da desigualdade entre christãos novos e velhos, a nacionalisação dos naturaes da India e, além de tudo isto, levanta a cidade de Lisboa das ruinas do terremoto, anima a agricultura, fomenta as industrias e desenvolve o commercio. Ora, se o Sr. Ramalho Ortigão tivesse analysado as reformas a que me referi, filhas do genio fecundo e emprehendedor do Marquez de Pombal, com certeza não se teria afastado tanto d'aquillo que eu acredito ser verdade historica, e talvez chegasse a convencer-se de que o Marquez de Pombal, na época em que viveu, não podia usar de meios brandos. Se Pombal não usasse dos meios proprios da época, com certeza não teria governado ou não teria conseguido passar o nivel das mediocridades.

O Sr. Ramalho Ortigão attribuiu o encarceramento do poeta Corrêa Garção ao ter este poeta escripto alguma coisa com referencia aos actos do Marquez de Pombal (1), porém esta referencia do Sr. Ortigão não passa de uma fantasia, e por isso não deve merecer mais credito do que as anecdotas que elle contou do theatro do Bairro Alto. Se o leitor deseja saber qual o motivo da prisão do desventurado poeta Garção, leia o que a respeito desse facto escreveu o eminente escriptor portuguez C. Castello Branco, no seu livro intitulado *O perfil do Marquez de Pombal*, e ficará convencido de que as desventuras do poeta não foram devidas á animosidade do Marquez de Pombal, mas sim a uns mysterios em que Garção andou muito compromettido.

(Continúa).

ANTONIO DE SÁ.

Completa hoje um anno de existencia, uma associação denominada — «Centro Litterario».

Fundada por um punhado de rapazes amantes das letras e da sua applicação, o «Centro» tem trilhado sempre na estrada da sua dignidade litteraria e dentro do seu programma enunciado.

Sacrificios, tem-os havido como era de esperar, porém têm sido sempre supportados com coragem e sangue frio; sacrificios estes que mais tarde hão de ser recompensados, elevando o «Centro Litterario» á altura do seu titulo.

Uma coisa que faz com que os iniciadores do «Centro» não desanimem, é o encontrarem sempre sympathica aaceitação da parte do publico illustrado.

INNOCENCIO CRUZ.

(1) Ramalho Ortigão diz: «encarcerando o poeta Garção porque este lhe desagradou não se sabe em que.»

MANCEBOS

Hontem — faz hoje nm anno — ereis ainda creanças descuidosas que vivieis mais do calor do sol e dos carinhos maternas e do zelo paterno, do que vosso proprio exorço.

Em mai deleitoso e calmo, vogava o batel da vossa existencia, sem bussola e sem receios; mas isso não era vida, era simples vegetar inconsciente, e precisaveis despertar e apparellhar-vos para a longa viagem do futuro, em mares desconhecidos e em longiquos horizontes.

Despertasteis, felizmente, corajosos e fortes, crenes e entusiastas; ainda bem.

Luctar é viver, mas a vida não é essa existencia material, mera accumulacão de dias consecutivos e annos uniformes da existencia animal, instinctiva. A vida humana é a vida do pensamento: e a manifestacão do pensamento é a mais exuberante affirmacão da vida do homem.

Definio-se o philosopho escrevendo:—Eu cogito, logo existo—;mas, partindo deste principio moral, o pensamento progredio, engrandeceu e evolucionou-se, e concluiu que, não basta cogitar, cumpre discutir, analysar, luctar, vencer.

No periodo de evoluçã que atravessamos ainda ha guerras, infelizmente, mas já se discute e largamente: mas as luctas da humanidade vão se transplantando dos campos das batalhas sangrentas, barbaras, iniquas, para a imprensa, para o livro, para a tribuna, para as regiões esclarecidas da justiça. Breve chegará o triumpho magestoso e esplendido da razão sobre a força, do direito sobre a vontade, da luz contra as trevas. Seja bem vindo.

Faz hoje, pois, um anno que despertasteis para a vida social. Cogitaeis, discutis, luctaeis enfim, como homens, e como cidadãos da civilisação e do futuro, com os grandes e puros enthusiasmos da mocidade crente e curiosa. Vivei, pois, e muito exuberantemente.

Abre-se diante de vós o mais vasto e florido dos horisontes promissores de louros triumphaes e de glorias esplendidas. Tendes os principaes elementos de lucta e de victoria:—o livro—a tribuna—a vontade: e com elles vencereis sempre. Sereis vencidos, porém, e derrotados vergonhosamente se deixardes penetrar nos vossos arraias, a preguiça e a descrença, esses inimigos traidores e terriveis das grandes ideias generosas e sãs. Vivei, pois, que sois dignos da vida que encetasteis em boa e feliz hora. Nas familias, como nas nações, como na humanidade, os bons exemplos são fecundissimos e salutareis. O « Centro Litterario » é um grande e bom exemplo, que vai sendo largamente aproveitado e seguido. O espirito publico, embora os pessimistas, é já hoje campo amanhado e disposto a receber e fecundar prodigiosamente as sementes generosas do trabalho e do estudo.

A prova disso está, evidentemente, na aceitação entusiasta e lisongeira que em todas as provineias deste vastissimo imperio tem tido a vossa—Revista.

Aquellas phrases sinceras de animação e conforto, constituem outras tantas grinaldas de louros e verbenas para as vossas fronte juvenis, pensadoras e illuminadas.

E nem é sómente na vastidão immensa do colosso americano que enchem as vossas estrophes e canções e as notas suaves e graciosas das vossas musas loiras e rosadas: lá, além do atlantico, tambem percutem as saudades do berço e as recordações dulcissimas do lar e da infancia, e o velho Portugal commove-se de prazer e de orgulho por seus filhos ausentes, mas dignos delle, honrando-o.

Para esses, são tambem gratas corôas de suave prazer as lagrimas da saudade e commoção, que suas familias vertem, á noite, no lar, ao relêr soffregamente a « abençoada Revista » onde seus filhos queridos gravaram seus pensamentos dilectos.

Tende, pois, coragem e fé, que para a vossa divisa são precisas, indispensaveis. Filhos do povo proletario e laborioso; filhos do trabalho insano e rude, absorvente e aniquilador, sem as fartas « mezadas » da opulencia paterna, ostentosa e vã, vós é que deveis comprehender a grandeza do vosso dever social, assim como, só vós tambem mereceis o applauso e a animação publica.

A flor agreste que desabrocha nas fendas do rochedo, batido das tempestades e que viceja sómente com o orvalho das manhãs e os raios quentes do sol, é sempre mais bella e robusta, mais perfumosa e corada do que as flores das estufas doiradas que só vivem dos cuidados authomaticos do jardineiro mercenario.

Avante, pois, vivei e muito! Dae aos vossos companheiros de condiçã e de trabalho o grandioso exemplo moral do estudo, do bem e do bello. Chamae os jovens descuidados e indolentes ao sagrado cumprimento do dever social: « Ler, estudar e discutir ». Arrastai-os para o bom caminho, arrancando-os das garras da ignorancia lethal e perigosa, e fazei-os debruçar sobre o « livro » que é a orla luminosa dos horisontes do futuro.

Avante, e sem treguas! Na senda que encetasteis e que tão brilhantemente trilhasteis no vosso primeiro anno, parar seria covardia, e recuar seria um crime enorme e monstruoso de lesa-sociologia. Vós nem sereis cobardes, nem criminosos, eu o sei; e por isso espero que, na minha campa entreaberta, se vão esbater, á tarde, os fulgores esplendidos das vossas fronte ardentes de mancebos generosos, dignos de vós mesmos, do seculo e da civilisação.

Julho, 2, 1883.

D. P.

O CENTRO LITTERARIO

Dizer que o Centro Litterario é a manifestacão mais pura do amor pelas lettras e pela patria, é o mesmo que dizer: traduzi o som dos echos que retumbam das cidades ás florestas, tanto no Brazil como em Portugal.

O dia 2 de Julho de 1882, legou á historia brazy-

leira mais uma scentelha, que jámais deixará de brilhar nas paginas d'esse *livro de ouro*.

Quanto mais ao fundo ficar nossa era; através dos seculos futuros multiplicar-se-hão os raios fulguerosos d'esta estrellla—O Centro Litterario.

Dirão ainda os bisnetos dos nossos bisnetos :

« N'uma epocha remota, em que a evolução das letras organisava a liberdade dos povos; mas que, ainda tres partes d'esses povos existiam esquecidos, descansando no somno da ignorancia; baixou do Infinito uma nuvem gigantesca, e passando por cima d'esses corpos inanimados, despertou-os apontando-lhes o campo immaculado, radiante de luz e liberdade.

« Apareceu a idéa; e surgio d'um grupo de crianças o arbitrio da razão. »

Rio, 2 de Julho de 1883.

ELEUTHERIO AUGUSTO D'AGUIAR.

DEIXAI brotar o talento
na fronte de vossos filhos,
que honra vos dão os brilhos,
dos raios que vêm, rivaes
dos prismas illuminados,
das alvoradas de ouro,
tecer coróas de louro
nas vossas fronteiras oh! pais!

Ah! não! não respondais
que a gloria não dá sustento;
que o corpo quer tratamento,
trabalho e descanso. Não!
si a ociosidade é um crime
aos olhos do Creador,
é crime e crime maior
negar a luz á razão!

Deixai-os, pois, illustrar-se
nas grandes obras, que são
o genio dos que já estão
além, na posteridade;
beber nas fontes antigas
eternas, nunca esgotadas,
as luzes tão decantadas
do grande-fôco — Verdade!

Que a patria anciosa espera
das bordas, talvez do abysmo,
que brilhe o patriotismo
no peito dos filhos teus,
puro, heroico, grandioso,

para, mostrando-os ao mundo
cheia de orgulho profundo,
gravar na historia—São meus!

Em cada craneo que pensa
Onde a evolução palpita,
um pensamento se agita
em busca do ideal.
Será crime monstruoso
oppor limites á luz
que a humanidade conduz
por entre as trevas do mal.

Deixai que nos vastos campos
dessas fronteiras juvenis
brotem robustos, febris,
os germens da liberdade!
Sim! que a ideia palpitante
se banhe nos esplendores
dos iriados fulgores
do eterno phanal — Verdade!

Vós tereis as cans augustas
engrinaldadas das glorias,
dos triumphos, das victorias
do genio de vossos filhos!
qu'inda sobre a vossa campã
ao passar as gerações
hão de depór as benções
do porvir nos aureos brilhos!

DUARTE PORTO JUNIOR.

Aos jovens socios do Centro Litterario

De dia a mão no trabalho,
De noite o livro na mão.
XAVIER DE NOVAES

NA fabrica ou na officina,
no escriptorio, ou na taverna,
com a penna ou com o malho,
cumpra-se a immutavel sina:
faça-se a verdade eterna;
De dia a mão no trabalho.

Trabalhae! sereis honrados,
pois que o labor ennobrece,
o honesto cidadão;
mas buscae ser illustrados
que a intelligencia enflorrece,
— De noite o livro na mão.

A NOITE DE S. JOÃO

Era vespera do dia de S. João Baptista.

Na fazenda do major Dias, o serviço da lavoura tinha parado ás quatro horas da tarde; o engenho e o moinho não se moviam e o gado pastava livremente na varzea.

A escravatura apinhada em seu refeitório, — um velho barracão de sapé — jantava alegremente.

O major Dias, contentissimo, com o peculiar sorriso de bondade a saltar-lhe por entre os labios, todo vestido de branco e com o Chile soerguido, empunhava uma vassoura e varria o espaçoso terreiro, com o cuidado preciso para não sujar-se.

Na estrada, um carro puxado por seis juntas de bois, cheio de grossos tóros de madeira e guiado por um rapazinho, vinha soltando o seu chiar monotone, produzido pela compressão dos eixos.

— Moleque! berrava o major Dias com toda a força de seus pulmões, azeite nesses eixos, diabo! Queres me queimar o carro, damnhinho?!

E o velho lavrador coloria-se de vermelho, coçava a cabeça, tomava uma pitada e continuava a varrer pacatamente.

Dahi ha pouco o carro tinha chegado e alguns escravos collocavam os tóros em quadrilatero e formavam o monte de madeira que havia, á noite, de illuminar o vasto espaço que o circundava e de assar os aipins, as caratingas e as batatas que tinham de fortalecer os estomagos dos pandegos que se reuniriam na casa do velho fazendeiro.

Vinha chegando a noite splendidamente bella: a lua, como um grande reflector, alastrava a sua argentea claridade pelos montes e pelos campos e as scintillantes estrellas, dir-se-hia que disputavam entre si mais brilho e belleza.

O coaxar das rãs nos açudes e brejos e o canto lugubre do *bacurão*, faziam profundo contraste com as notas penetrantes da cigarra e com as sentidas cantigas de um *caipira*, que vinha pela estrada montado n'um fogosó *pequira*, que galopava offegante.

Acompanhavam o *caipira* dous cavalleiros que, uma vez chegados, amarraram o cabresto de seus animaes á uma estaca.

O busto do fazendeiro assomára á janella ao ouvir o tropel dos animaes.

— Ora sejam muito bem chegados!... subam! exclamou o major Dias, esfregando as mãos; com que então, sempre me dão o prazer, hein?...

E o honrado lavrador enchia-se de alegria, acomodava melhor as cadeiras, avivava a luz dos lampões e por ultimo não tinha mãos á medir em comprimentos e medidas aos seus amigos recém-chegados. Depois aproximou-se á uma porta do fundo e gritou para dentro:

— Sra. D. Leonarda! Chiquinha! cá estão o compadre vigario e o Machado!

E virando-se para vigario:

— Então, compadre, porque não me despachou ha mais tempo o maldicto do camarada?

— Olhe, eu lhe conto...

E atulhava o nariz com uma pitada.

— Fez-me tanta falta...

— Eu lhe conto, compadre, disse pausadamente o vigario, depois de assoar-se no emporcalhado *alcobaça*; você bem sabe que desde a occasião em que obtivemos uma cadeira na *salinha* para o Dr. Alfredinho, a gente do Liberato têm-nos feito uma guerra temerosa...

— Sei...

— Pois bem, precisavamos do teu camarada para nosso auxiliar; tínhamos de atravessar as mattas do *Buraco Fundo*... e os Libcratos são uns facinoras, percebe?

— Percebo, percebo, respondeu o fazendeiro pondo a mão no hombro do seu interlocutor; mas o compadre engana-se—os Liberatos são uns covardes!...

— Sim, mas...

— E nós somos a força, porque estamos com o governo! Ah! Ah! Ah!

E bamboleava-se na cadeira, piscando os olhos ao vigário que, levantando-se inopinadamente, largou um murro sobre a mesa.

— Com os diabos! bradou o homem da batina, o governo não nos livra de uma boa carga de chumbo disparada de *tucúia*!

— E nem o meu camarada também, ora ahí está! retorquiu o major Dias levantando-se para receber algumas visitas que chegavam.

N'esse momento a porta abriu-se para dar entrada a uma alluviação de gente.

Entre os que chegavam, distinguíam-se como personagens mais comicos, e, portanto, mais necessários á esta frivola descripção, o vulto esquelético e rheumático do Anacleto, boticario do lugar, e a figura *redonda* do Anselmo, sachrista e inspector do quarteirão, acompanhado de D. Quiteria, sua mulher, e de D. Carlotinha, sua filha; aquella, dir-se-hia o typo mais característico de uma bravia sogra, e esta, a rubicunda Carlotinha, era o *ai Jesus* de toda a rapaziada da pequena aldeia, onde o major Dias, o vigário, o Machado e os Liberatos eram influencias politicas que viviam em lucta constante e encarniçada.

D. Leonor e D. Chiquinha, a esposa e a filha do nosso major, abraçaram as suas duas amigas, trocaram entre si affectuosos beijos e se encaminharam para a sala do jantar, onde entabularam uma conversação sobre a carestia do feijão, novos figurinos, modas, etc.

— Eu por mim, fallava D. Quiteria, não admitto essas imposturas inventadas lá na côrte... Elles o que querem é o nosso dinheirinho!...

E virando-se para D. Chiquinha:

— Chiquinha, siga pela minha cartilha... olhe— não ha nada como a simplicidade nos trajes e nos costumes, não achas?

— Acho, sim senhora, mas...

— Mas, o que?! Ora falle lá!

E punha a mão na cintura, abria a bocca, arregalava os olhos, franzia a testa e escolhia umas posições risiveis.

— Convença-se, D. Quiteria, que nós, as moças, não podemos resistir aos magníficos figurinos que vemos estampados na *Estação* e outros jornaes...

— Menina, isso são luxos!

— Ora, luxos! Que heresia, D. Quiteria!

— Luxos, sim! Olhem vocês para aquellas *magricellas* do Dr. Alfredinho! Que luxos de meninas, gentes! Vão vê—devem até aos cabellos!

E ria-se, ria-se muito, convicta de que as suas palavras eram licções de moral beneficemente pregadas.

* * *

Eram quasi oito horas da noite quando uma grande claridade penetrou nas salas e convidou aos que ahí se achavam a transportarem-se ao terreiro: os escravos tinham ateado fogo aos grossos troncos de madeira.

O espectáculo era imponente. As camadas de fumo turbilhonavam pelos ares em espiraes, e as grandes labaredas illuminavam todo o terreiro, a estrada e a

varzea que fica embaixo. O gado que á tarde pastava tranquillo, naquella occasião olhava inquieto e assombrado para tal metamorphoseação subita e fazia com que seus berros se repercutissem pelo espaço.

Em breve todos rodearam a fogueira. As senhoras accommodavam-se em esteiras e pelles de onça collocadas ao chão; os homens gesticulavam sobre diversas trivialidades, excepto o Machado, antigo escrivão do lugar, que lia um jornal agricola; as crianças, debaixo de risadas estrepitosas, brincavam o *chicote queimado*, e os escravos, risonhos, contentes, iam chegando ao fogo algumas batatas e retirando as que estavam assadas.

— Bem bom, bem bom! murmurou o Machado atirando para um lado a folha que lia e deitando um olhar terno á Carlotinha.

— Então, Machado, o que ha de novo lá pela côrte? interrogou o João Dias com um ar de curiosidade; dizem que os argentinos nos andam fazendo fosquinhas...

— E' exacto, respondeu o escrivão com uns modos affectados; a minha opinião é que estamos com uma enorme guerra á porta e que... não sei, *seu* major, não sei!...

— E que virá interceptar a nossa jornada pelo caminho do progresso, *seu* Machado! atalhou o Anacleto que era amigo das grandes *tiradas*.

— E' a bancarrota com todos os seus horrores!

— Apoiado!

— Não sei se devemos tremer!

E o Machado avermelhava-se, fazia gestos largos, tomava uns ares de tribuno e... olhava para Carlotinha que, enfadada, virava-lhe o rosto.

— Attenção, *seu* Machado! Você está eloquente de mais! Não pinte o paiz com tão negras tintas! objectou o velho fazendeiro; tremer de quê?! O Brazil confia muito nos seus bravos e...

— E... o que?! interrompeu o Anselmo com a bocca ainda cheia da batata que comia:

—... e eu que aqui estou, apesar de velho, sou muito capaz ainda de corresponder a qualquer appello que o Brazil faça a seus naturaes!

Estas ultimas palavras do major foram acolhidas com uma descarga de gargalhadas que o magoaram.

Se no calor de suas conversas ás vezes exagerava-se, todavia não se podia negar seus grandes sentimentos, sua nobreza d'alma e em summa—a sinceridade de suas palavras.

— Perdão, senhores! exclamou o vigário, que nesse momento afinava um violão; as palavras do nosso querido major devem ser acatadas com veneração! O homem que aqui vêdes alquebrado pelos janeiros, é aquelle mesmo que ha bons pares de annos, em Santa Luzia, bateu-se frente á frente com os soldados do Caxias, commandando um batalhão de heróes ávidos da victoria! O homem que aqui vêdes, é aquelle mesmo que em mil oito centos e quarenta e nove...

E, pausadamente, apoiando-se ao seu instrumento predilecto, principiou o nosso vigário a desenrolar a biographia do major Dias, que agradecia commovido, exclamando de minuto em minuto:

— Tanta lisonja, *seu* compadre!

(*Continúa.*)

AVELINO LISBOA.